

**OCA – ORIGENS, CULTURA E AMBIENTE
UMA PROPOSTA DE ARQUEOLOGIA COLABORATIVA EM GURUPÁ/PA¹**

*Helena Pinto Lima²
Cristiana Barreto³
Gabriele de Amorim Botelho⁴
Fernando Luiz Tavares Marques²
Cássia Luzia Lobato Benathar⁵
Fábio dos Passos Alho⁶
Ezequiel Barbosa da Silva⁷
Bruno Moraes⁸
Kyle Lee Harpe⁹
Glenn Harvey Shepard Jr.²
Richard Pace¹⁰*

RESUMO

Apresentamos um conjunto de ações, iniciadas em 2014 e hoje em andamento, no município de Gurupá, Pará. É um trabalho realizado pelo Projeto OCA – Origens, Cultura e Ambiente, do Museu Paraense Emílio Goeldi. Este texto discute formas de engajamento entre arqueólogos e a comunidade em torno de reflexões sobre a história, memória e do patrimônio cultural. Visa contribuir com as reflexões sobre práticas colaborativas que vêm

¹ Este texto foi adaptado do dossiê encaminhado ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) para julgamento da 31ª Edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, em 2018, no qual o projeto OCA – Origens, Cultura e Ambiente foi premiado na categoria “ações de excelência na preservação do patrimônio cultural material”. Todos os autores são membros do projeto OCA.

² Museu Paraense Emílio Goeldi, Coordenação de Ciências Humanas, Pesquisador(a) Titular

³ Museu Paraense Emílio Goeldi, Coordenação de Ciências Humanas, Bolsista do Programa de Capacitação Institucional

⁴ Universidade Federal do Pará, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Antropologia

⁵ Museu Paraense Emílio Goeldi, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural

⁶ Professor no Município de Gurupá, PA.

⁷ Universidade Federal do Amapá, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Biodiversidade Tropical

⁸ Museu Paraense Emílio Goeldi, Coordenação de Ciências Humanas, colaborador voluntário.

⁹ Vanderbilt University, Doutorando em Antropologia.

¹⁰ Middle Tennessee State University, Professor do Departamento de Antropologia.

sendo experimentadas na arqueologia amazônica nos últimos anos e argumenta pela construção coletiva do conhecimento arqueológico.

PALAVRAS-CHAVE: arqueologia amazônica, gestão do patrimônio arqueológico, arqueologia colaborativa, curadoria compartilhada, comunidades amazônicas.

ABSTRACT

We present a set of actions, begun in 2014 and in progress today, in the municipality of Gurupá, Pará. It is a work carried out by the OCA Project - Origins, Culture and Environment, of the Goeldi Museum. This text discusses ways of engaging archaeologists and the community around reflections on history, memory and cultural heritage. It aims to contribute to reflections on collaborative practices that have been experienced in Amazonian archeology in recent years and argues for the collective construction of archaeological knowledge.

KEYWORDS: amazonian archaeology, archaeological heritage management, collaborative archaeology, shared curatorship, Amazonian communities

RESUMEN

Presentamos un conjunto de acciones, iniciadas en 2014 y en curso hoy, en la municipalidad de Gurupá, Pará. Es un trabajo realizado por el Proyecto OCA - Orígenes, cultura y medio ambiente, del Museu Paraense Emílio Goeldi. Este texto discute las formas de involucrar a los arqueólogos y la comunidad en torno a reflexiones sobre la historia, la memoria y el patrimonio cultural. Su objetivo es contribuir a las reflexiones sobre las prácticas de colaboración que se han experimentado en la arqueología amazónica en los últimos años y defiende la construcción colectiva del conocimiento arqueológico.

PALABRAS CLAVE: arqueología amazónica, gestión del patrimonio arqueológico, arqueología colaborativa, acervos, coleccionismo, curaduría, comunidades amazônicas.

INTRODUÇÃO

A cidade de Gurupá (Pará, Brasil), localizada junto à confluência dos rios Xingu e Amazonas, cerca de 400km a leste da capital Belém, e as comunidades do seu entorno constituem um símbolo importante da cultura ribeirinha da Amazônia. O município abrange uma área de 8.540 km² do Complexo Estuarino Marajó, localizado no extremo oeste do arquipélago, em uma região conhecida como “Marajó das Florestas” (PACHECO, 2010). Sua população, de um pouco mais de 30 mil habitantes (IBGE, 2018), se distribui entre a cidade de Gurupá e as inúmeras comunidades rurais do município, localizadas nas margens dos rios Ipixuna, Mararu, Moju, Marajoí, Pucuruí, Gurupá-Miri, entre outros. O longo histórico de lutas populares e movimentos sociais no município garantiram a Gurupá o

reconhecimento de dois territórios quilombolas (nos anos de 1999 e 2000). O município abriga ainda duas unidades de conservação¹¹.

O modo de vida de seus habitantes serviu de base para obras importantes, como “Itá, uma comunidade amazônica” do antropólogo Charles Wagley (1957)¹², “Santos e Visagens” de Eduardo Galvão (1955)¹³, e para a saga literária amazônica do escritor paraense Dalcídio Jurandir. Além disso, concentra toda a diversidade cultural da Amazônia de uma longa história composta por indígenas, imigrantes europeus variados e quilombolas. Sítios arqueológicos pré-coloniais abundam e o forte Santo Antônio de Gurupá (1623) é uma referência importante da sua história colonial. Cemitérios judaicos atestam a importância de imigrantes atraídos pelo sistema comercial da época da borracha (entre fins do séc. XIX e início do séc. XX) e as comunidades quilombolas do entorno simbolizam a luta no presente pelo reconhecimento do seu difícil passado na história.

Apresentamos neste artigo um conjunto de ações iniciadas em 2014 no município de Gurupá, realizadas pelo “OCA – Origens, Cultura e Ambiente”, um projeto acadêmico vinculado ao Museu Paraense Emílio Goeldi, uma importante instituição museológica no campo nacional e internacional. Do projeto OCA participam vários pesquisadores, arqueólogos e antropólogos, bolsistas e estudantes do Museu Goeldi, contudo quem faz o projeto é um número enorme de colaboradores, nacionais e internacionais, com destaque aos gurupaenses. O projeto visa abordar a história de longa duração de Gurupá pelas lentes da arqueologia e do patrimônio material, produzindo conhecimento de forma colaborativa com os principais atores desta história: os habitantes do lugar.

O projeto tem investido não somente no estudo relacional dos vestígios arqueológicos (artefatos, sítios, paisagens e as pessoas), mas também em ações diversificadas ligadas à educação patrimonial, ao registro de coleções arqueológicas sob a

¹¹ A Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos de Maria Ribeira - ARQMR foi reconhecida em 1999. A Associação das Comunidades Remanescentes de Quilombos de Gurupá – ARQMG, reconhecida no ano de 2000, compreende cerca de 500 famílias distribuídas pelas comunidades de Jocojó, Carrazedo, Flexinha, Camutá do Ipixuna, Bacá do Ipixuna, Alto Ipixuna, Alto Pucuruí e Gurupá-miri (LIMA, et al, 2018).

As unidades de conservação compreendem a Reserva de Desenvolvimento Sustentável Itatupã-Baquiá, localizada na parte norte da ilha de Gurupá, e a Reserva Extrativista de Gurupá-Melgaço (ICMBio, 2018).

¹² Título em português “Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos”.

¹³ Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas.

guarda de moradores locais, à curadoria compartilhada e salvaguarda dos materiais identificados, e à disponibilização de acervo documental e bibliográfico para pesquisa, sempre com o intuito de construir conhecimento compartilhado sobre Gurupá em suas diferentes temporalidades, presentes e pretéritas.

Por meio de uma abordagem que permite um diálogo multivocal que inter-relaciona diferentes esferas de conhecimento (entre elas a tradicional e a científica) primamos por escutar as próprias comunidades, enquanto agentes que contribuem para a construção do conhecimento arqueológico, a começar pelos locais onde habitam, assentamentos que recorrentemente estão sobre os sítios arqueológicos. Suas (re)significações sobre o *lugar* onde vivem e seus componentes espaciais e materiais são peças-chave para uma compreensão mais holística das interações entre os comunitários e os vestígios, em um processo de formação e transformação contínua do sítio arqueológico (LIMA e MORAES, 2013).

Em Gurupá, observamos muitos sítios e patrimônios em situação de risco, na medida em que há reportes de evasão de peças, de destruição de sítios por obras públicas, bem como por erosão fluvial, como no caso do Forte Santo António (SHEPARD 2012). Sabemos que o poder público e a sociedade são responsáveis pela salvaguarda do patrimônio arqueológico no nosso país. As ações do OCA, em andamento, prestam-se justamente a este objetivo essencial, de sensibilizar e envolver a população de Gurupá (gestores, professores e a sociedade em geral) quanto ao patrimônio cultural, arqueológico e a história do lugar. Pois, acreditamos que o conhecimento (em suas várias formas) e o reconhecimento desses patrimônios podem prestar um importante papel para sua preservação. Contudo, a preservação em si do patrimônio não é o único objetivo do projeto; igualmente importante é o processo pelo qual as comunidades acabam se organizando no envolvimento com esse patrimônio do passado para atuarem no presente, e como o patrimônio é apropriado e significado por elas nas diferentes frentes de reconhecimento e autodeterminação de suas identidades.

Nos propomos aqui apresentar à comunidade de arqueólogos algumas das ações propostas pelo projeto, discutindo seu desenvolvimento, encaminhamentos e impactos junto à comunidade, que levaram o OCA a ser premiado, na categoria “ações de excelência na preservação do patrimônio cultural material”, na 31ª Edição do Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, em 2018.

Para além do objetivo do projeto, que é dar visibilidade e tornar conhecidos os diferentes aspectos da cultura e da história de Gurupá, socializando histórias, narrativas e pesquisas arqueológicas realizadas no local, este artigo visa contribuir com as reflexões sobre práticas colaborativas que vêm sendo experimentadas na arqueologia amazônica (BEZERRA 2011, ROCHA et al. 2014, CABRAL 2016, entre outros).

Nas ações do OCA vimos uma grande oportunidade para ativar diálogos e memórias e assim construir conhecimentos de forma compartilhada. O desenvolvimento das ações tem sido uma construção conjunta, participativa e aberta, e envolve pesquisadores e estudantes do Museu Goeldi e de diversas instituições parceiras, além de um grupo consolidado de professores moradores de Gurupá. Até o momento foram identificados mais de 50 sítios arqueológicos, e alguns deles têm sido pesquisados mais intensivamente com mapeamentos e escavações detalhadas, realizados no formato de sítio-escola de arqueologia, onde a formação dos participantes tem sido priorizada. Resultados das pesquisas arqueológicas têm sido divulgados em fóruns científicos nacionais e internacionais (p.ex. BROWNE-RIBEIRO et al. 2016; LIMA e FERNANDES 2016; FERNANDES et al. 2018, CUNHA et al. 2019), mas também, importantemente, para o público local (ver LIMA et al., 2018). Publicações, relatórios, e documentos levantados pela pesquisa encontram-se disponibilizados na biblioteca municipal de Gurupá, que já recebeu um grande volume de doações de material bibliográfico do Museu Goeldi até o momento.

No imenso interior e rico cenário cultural de Gurupá, as ações realizadas dentro do território quilombola, sempre contaram com o apoio da Associação de Remanescentes de Quilombos do Município de Gurupá (ARQMG), e com a ajuda logística do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Agroextrativistas (STTR) e da Prefeitura Municipal de Gurupá, especialmente com a Secretaria de Educação. Buscamos trabalhar sempre em parceria com os gestores locais, independente de visão ou partido político, entendendo que a Arqueologia pode se tornar uma ferramenta ativa (e ativista) e assim fazer diferença na vida das pessoas. Desde um ponto de vista mais sensível, faz diferença para a autoestima e autorreconhecimento individual e comunitário na medida em que faz histórias e ativa memórias. Mas também pode impactar as pessoas em âmbitos mais práticos da vida nas comunidades, quando princípios mais socialmente explícitos da pesquisa arqueológica (e antropológica aplicada) entram em ação, em consonância com a ideia pesquisa-ação de Thiollent (2004), como veremos adiante.

Na sede municipal foram trabalhados mais intensivamente o Forte Santo Antônio de Gurupá (2014-2018) e o sítio arqueológico Jacupi (2015), com atividades de pesquisa e ações diversificadas junto aos moradores da cidade, o que será o foco principal deste artigo.

De uma maneira mais geral, as ações visaram sensibilizar a população de Gurupá quanto ao patrimônio cultural e ambiental local, promovendo o compartilhamento do processo de construção do conhecimento sobre a história do lugar abordando narrativas, memórias, vestígios e paisagens, oferecendo assim condições para a revitalização do patrimônio arqueológico e histórico local. Dentre as ações, destacam-se: a produção de materiais educativos de apoio e divulgação (audiovisuais e editorados, incluindo um jogo de tabuleiro); a promoção de oficinas com professores das escolas locais; a documentação de narrativas e história oral; a organização e disponibilização de acervo documental/histórico para a biblioteca local; a realização de sítios-escola de arqueologia com abrangência internacional e local; o auxílio aos gestores na promoção de ações e política de salvaguarda do patrimônio cultural; e a montagem de uma exposição de curadoria compartilhada no Forte de Gurupá.





FIGURA 1. Trabalhos de campo em Carrazedo. Interação de estudantes e jovens moradores da comunidade nos procedimentos de mapeamento e coletas de superfície e de escavação.

Fonte: acervo OCA, 2014, in: LIMA et al 2016).

UMA PROPOSTA DE ARQUEOLOGIA COLABORATIVA

O município de Gurupá está localizado na área de confluência entre o rio Amazonas e o rio Xingu. Embora faça parte do contexto geral do Marajó (comportando uma das maiores ilhas do arquipélago), diferentemente do Marajó, poucas pesquisas arqueológicas foram realizadas no local, estas resumindo-se a intervenções pontuais na década de 1990 (PEROTA, 1992) e um inventário realizado em 2008-2009 (SCHAAN e MARTINS, 2010). Pouco se falava ou se conhecia sobre a arqueologia do baixo Xingu, seja localmente em Gurupá, na comunidade acadêmica ou mesmo junto ao público geral. E Gurupá se localiza justamente entre duas importantes 'áreas culturais' da Amazônia ameríndia: Santarém e Marajó. Seria a foz do rio Xingu uma região fronteiriça? Ou até mesmo um centro ainda não conhecido na Amazônia antiga? Esses são alguns questionamentos que levaram a equipe de arqueólogos do Museu Goeldi a iniciar um projeto de pesquisa nessa região, que é chave para a arqueologia da baixa Amazônia.

Tanto a pesquisa como a documentação historiográfica (documentos, relatos e iconografia) e os resultados das pesquisas arqueológicas em andamento apontaram para uma extraordinária potencialidade arqueológica, e começam agora a desvendar uma história ainda pouco conhecida, mas muito significativa para entendermos a diversidade e as dinâmicas de interação das populações que habitaram o baixo Amazonas (BROWNE-RIBEIRO et. al., 2016; LIMA e FERNANDES, 2016; FERNANDES et al., 2018).

Assim, o estudo aprofundado da história e da arqueologia do município de Gurupá vem preencher uma grande lacuna no registro arqueológico do baixo Amazonas, especificamente do sistema regional de trocas, que provavelmente ultrapassou fronteiras temporais e culturais, permanecendo ativo pelo menos até o período da borracha.

Os testemunhos dessa história de longa duração são os patrimônios – imateriais e materiais – as manifestações culturais, as paisagens e os vestígios existentes no local, que incluem sítios pré-coloniais e coloniais, terras pretas antropogênicas, remanescentes de quilombos, cemitérios judaicos, fortes coloniais, bem como a memória e as histórias orais relacionadas a essa rica cultura local.

Mas, se nosso objetivo junto ao OCA em Gurupá é, de um lado, caracterizar e contextualizar esses sítios arqueológicos, reunindo dados etnográficos, históricos, arqueológicos e ambientais com a intenção de discutir a história cultural e ambiental dessa importante região de confluência, por outro lado temos o propósito explícito de fazer isso junto com as comunidades envolvidas, dando assim um sentido mais amplo à Arqueologia. Portanto, para além de um projeto acadêmico que tem rendido seus frutos em publicações científicas na área de arqueologia, é também um projeto que visa reunir perspectivas distintas de pesquisa e com grande investimento na educação patrimonial. De forma aberta e colaborativa, se propõe a alargar o conhecimento sobre vida e história, incluindo a indígena da época pré-colonial ainda pouco conhecida, e também apoiar os Gurupaenses na construção de narrativas mais críticas sobre seu passado e presente, instrumentalizando assim essas pessoas para a gestão de seu patrimônio cultural – demanda já sinalizada desde o princípio da comunicação estabelecida entre os arqueólogos e os residentes. De certa forma, a arqueologia colaborativa, engajada e socialmente relevante a que nos propomos se alinha com aquilo que foi definido como pesquisa-ação, “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo” (THIOLLENT, 2004, p. 14).

Para o OCA em Gurupá, um exemplo digno de nota se deu no âmbito da arqueologia de contrato, no qual o trabalho – acadêmico – do projeto criou uma oportunidade para solucionar um problema real, referente ao licenciamento de um programa federal de eletrificação rural, garantindo assim o acesso das comunidades ao “Luz Para Todos”. Devido ao baixo orçamento e à urgência de ação imediata dessa conjuntura

específica (2016-17), sob o risco de cancelar o programa, desenvolvemos uma força-tarefa de arqueologia, que denominamos de “arqueologia de mutirão” (LIMA e MORAES, 2019), onde moradores e arqueólogos trabalharam juntos, lado a lado, escavando, mapeando e coletando os materiais, a fim de implementar os postes e garantir o sucesso nessa tarefa, facilitando o acesso da comunidade à rede elétrica.

Portanto, dentro de uma proposta de arqueologia colaborativa, entendemos que seja fundamental o engajamento com as questões sociais que permeiam a realidade na qual estamos trabalhando (GODOY e SILVA, 2017) – e, por conseguinte, impactando. Atalay (2010) propõe questões fundamentais para o desenvolvimento do trabalho da arqueologia: “de que forma a pesquisa arqueológica é relevante para a sociedade? Quem tem acesso a ela? Quem é beneficiado e de que forma?” (GODOY e SILVA, 2017, p. 103). Falamos em revitalização do patrimônio arqueológico - e não apenas em sua preservação – porque testemunhamos em Gurupá como a arqueologia tem vida, como ela dialoga com as pessoas, ativa memórias, cria (ou recria) laços de identidade (CABRAL, 2016). Essa é a perspectiva que nos leva, enquanto pesquisadores do OCA, a abordar os sítios – vestígios e paisagens de tempos passados e presentes, naquele lugar.



FIGURA 2. Crianças brincam no Forte Santo Antônio de Gurupá durante as escavações arqueológicas que acontecem no local

Foto: Glenn Shepard, 2017, In: LIMA et al. 2018

DESENVOLVIMENTO - DESCRIÇÃO DAS AÇÕES

Trata-se de um conjunto bastante amplo de ações para o patrimônio arqueológico de Gurupá. Ações de diferentes naturezas que envolveram, além das pesquisas arqueológicas, sob a forma de sítios-escola, oficinas variadas com os professores locais e a produção de materiais didáticos diferenciados (como um jogo de tabuleiro), a curadoria e montagem de uma exposição, além de materiais de divulgação diversos.

A característica premente de tais ações foi a presença constante de arqueólogos e demais colaboradores em Gurupá, além de uma comunicação permanente com os parceiros gurupaenses, sempre mantendo a maior quantidade possível de pessoas envolvidas neste diálogo. Foi somente com esta convivência presencial intensa que conseguimos atingir os objetivos. Além disso, mesmo quando não estávamos em Gurupá, trabalhamos à distância através de grupos compartilhados em mídias digitais, sempre discutindo os conteúdos e o andamento do projeto.

É importante salientar que não chegamos em Gurupá com uma metodologia pronta, pré-estabelecida, ou com um plano fechado de ações. Ao contrário, demos voz e acolhemos as proposições e demandas das comunidades, de forma a estabelecer uma atuação dinâmica, que segue em pleno desenvolvimento.

Este '*modus operandi*' das ações com a assiduidade da equipe de arqueologia em Gurupá; a divulgação e o convite à população em todas as mídias disponíveis; a abertura para proposições e ações dos moradores mostrou que a partir de ações relativamente simples e com dispêndio comedido de recursos financeiros, mas feitas com consistência, é possível obter resultados efetivos.

O trabalho tem se desenvolvido em plena colaboração com a comunidade de Gurupá, a fim de dar um sentido ao trabalho arqueológico e advogar pelas comunidades locais. Através de discussões compartilhadas sobre o conhecimento arqueológico emergente em relação às experiências e memórias locais, esperamos não somente promover a preservação e revitalização desses sítios e suas culturas vivas, como também apoiar as necessidades ou demandas da comunidade. É isso que acreditamos ser uma

arqueologia verdadeiramente engajada (ou ativista) (p. ex. LITTLE, 2010; ROCHA et al. 2017).

Tabela 1. Breve histórico da atuação do OCA em Gurupá

2012		Primeira visita de pesquisadores do Museu Goeldi ao município, em atendimento a demandas locais. Identificação e informe ao IPHAN de sítios em situação de risco (SHEPARD, 2012).
2013		- Visitas iniciais para obtenção de parcerias e autorizações locais.
2014		- Início formal do OCA junto ao Museu Goeldi e ao IPHAN. - Seminário centenário de Charles Wagley em Gurupá, organizado em parceria com UFPA - Escavações no sítio arqueológico Carrazedo, localizado dentro do território quilombola de Gurupá, contando com plena participação de pessoas da comunidade e visitas das escolas da sede municipal de Gurupá - Escavações iniciais no Forte de Gurupá
2015		- Escavações no sítio arqueológico Jacupi, limítrofe à área urbana de Gurupá. - Terrível tragédia leva à morte de criança na área do sítio, logo ao final do trabalho arqueológico. Museu Goeldi se pronuncia e apoia ações para a comunidade. - Trabalhos geofísicos no Forte de Gurupá
2016		- Escavações no Forte de Gurupá, com visitas e participação de membros da comunidade. - Oficinas com professores, levantamento de demandas - Desenvolvimento do jogo “Protegendo Itá”
2017		- Sítio-Escola internacional de arqueologia, no Forte de Gurupá, com ampla participação de comunidade gurupaense em atividades de escavação e laboratório - Grande evento na cidade reúne apresentações culturais de capoeira, danças tradicionais, artes cênicas intercaladas com palestras sobre o projeto OCA de arqueologia, história e patrimônio, com amplo público - Oficina de filmagem em parceria com Middle Tennessee State University e do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Agroextrativistas (STTR) - Oficinas com professores para planejamento da exposição - Entrega de exemplares do jogo “Protegendo Itá” na sede municipal e em escolas do interior - “Arqueologia de Mutirão” nas comunidades quilombolas Gurupá-Miri e Maria Ribeira
2018		- Inauguração da Exposição “Gurupá na

		Encruzilhada da História” no Forte Santo Antônio de Gurupá, juntamente com a entrega da obra realizada pelo IPHAN - Mais uma edição do sítio-escola internacional de Arqueologia, julho.
2019		- Oficina de Maquetes- Reinauguração da Exposição “Gurupá na Encruzilhada da História”, com novos objetos trazidos pela comunidade.

O JOGO “PROTEGENDO ITÁ”

O jogo de tabuleiro intitulado “PROTEGENDO ITÁ”¹⁴ é um material didático criado pelo projeto que ensina a história do município e informa sobre seus patrimônios culturais e naturais. A opção por um jogo de tabuleiro, como instrumento educativo para Gurupá se deu por este ser uma excelente ferramenta para desenvolver o raciocínio lógico, criatividade e concentração, além de ser divertido. Também auxilia na área cognitiva e exercita a colaboração entre jogadores; o cumprimento de regras e a busca da superação que o jogo propõe promovem a reflexão sobre ações e suas consequências e estimulam a competição de forma saudável e lúdica.

Durante a elaboração do jogo, em diferentes momentos, foram feitas apresentações, consultas e discussões com a comunidade de professores de Gurupá, que sugeriram ajustes no conteúdo e principalmente na sua jogabilidade. Ao final, foram entregues 12 exemplares às escolas partícipes do OCA, tanto do interior como da sede, e também exemplares à Secretaria Municipal de Educação e à biblioteca municipal.

¹⁴ Este jogo foi criado e desenvolvido por Thiago Viana Cavalcante, no âmbito de uma bolsa do Programa de Capacitação Institucional do Museu Paraense Emílio Goeldi (PCI/MPEG) (CAVALCANTE, 2016).

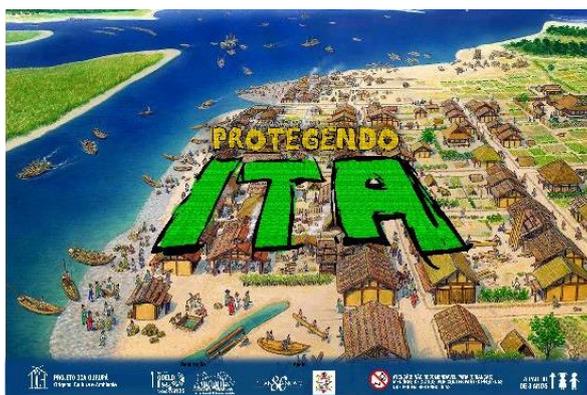


FIGURA 3. Capa do jogo de tabuleiro *Protegendo Itá*, Apresentação do jogo na comunidade de Carrazedo

Foto: Helena Lima, in: LIMA et al 2016

EVENTOS E OFICINAS COM A COMUNIDADE DE GURUPÁ

Centenário de Charles Wagley

Em junho de 2014 foi realizado em Gurupá o evento, *Antropologia em Gurupá: O centenário de Charles Wagley*, organizado em parceria com a UFPA. O público-alvo do seminário foi o corpo discente do núcleo do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) de Gurupá. Originalmente concebido pela Dra. Wilma Leitão do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Federal do Pará (UFPA) e pelo Dr. Richard Pace da MTSU, o seminário comemorou o centenário de Wagley, demonstrando a continuidade de trabalhos antropológicos no município, inclusive a sua renovação nas pesquisas do Dr. Pace (1998) e nos então incipientes trabalhos do OCA.

Foi então apresentada uma série de trabalhos sobre as pesquisas já desenvolvidas no município, bem como as propostas dos pesquisadores do OCA, cujos trabalhos encontravam-se então em estágio inicial. O seminário foi lançado com uma retrospectiva dos trabalhos pioneiros de pesquisa do antropólogo Charles Wagley, que atuou na região de Gurupá nos anos 1940. Junto a isso, coube apresentar e exibir uma série de fotografias feitas por Wagley. Uma parte das reproduções destas fotografias, impressas em formato de banner, foi doada para a Secretaria de Educação de Gurupá.

As problemáticas da arqueologia, história e registro cultural foram inseridas no contexto da formação e capacitação de professores da zona rural do município de Gurupá. Este momento de encontro serviu, também, como fundamento dos trabalhos colaborativos a serem desenvolvidos entre pesquisadores do MPEG, a prefeitura de Gurupá, e os moradores do município.



FIGURA 4. Imagem do evento “O centenário de Charles Wagley”. Ao fundo as fotos de antigos moradores de Gurupá feitas na década 1940.

Fonte: acervo OCA, 2014, in: LIMA et al 2016).

A partir de 2016 e 2017, foram vários os encontros temáticos, na forma de oficinas. Como resultado, consolidou-se um grupo (em torno de 20 pessoas, professores na maioria), que mantém contatos frequentes e tem se engajado nas ações pela valorização do patrimônio cultural local. São os participantes do OCA residentes de Gurupá, e responsáveis em grande medida pelo sucesso das ações subsequentes, inclusive pela montagem de uma exposição arqueológica no Forte Santo Antônio de Gurupá, inaugurada ao público em 2018.

A maior parte das oficinas ocorreu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Mariocay. Em todas as atividades do projeto os gestores abriram as portas da Escola para o OCA. Não cabendo aqui relatar cada um desses ricos encontros, apresentaremos somente seus títulos, que falam bastante sobre seu escopo. Muitas dessas oficinas ocorreram concomitantemente e de forma integrada com outras ações, como os sítios-escola de arqueologia, montagem de exposições, e estudos de coleções.

Oficina “Protegendo Itá: Construindo Conhecimentos com a Arqueologia”

Dezembro de 2016, Escola Mariocay.

A oficina foi composta por quatro módulos: *Projeto OCA-Gurupá; Patrimônios de Gurupá; Jogando e Aprendendo sobre os patrimônios de Itá; Dialogando com a arqueologia em sala de aula.*

Nesta ocasião apresentamos e jogamos o jogo Protegendo Itá, envolvendo os professores de forma lúdica, isto é, brincando com o jogo e aprendendo, construindo e trocando conhecimentos de forma divertida e prazerosa. Nesta oficina foi possível proporcionar aos participantes a experiência de manusear as cartas, conhecer as regras do jogo e ter contato direto com esse material didático que viria a ser mais um recurso ao alcance do professor para trabalhar em sala de aula. É importante notar que o jogo possibilita ao professor ressignificar as informações das cartas ou as próprias regras do jogo para usá-lo em outras ações educativas que abordem os diversos patrimônios e sua gestão.

Os trabalhos envolveram caminhadas pela cidade, visita guiada ao Forte Santo Antônio de Gurupá e muitas discussões em sala de aula. Na visita ao Forte de Gurupá as explicações e as observações foram um excelente exercício para os participantes pensarem

no período em que a fortificação foi construída, sua função, o estado de conservação, as mudanças preteridas e as estratégias para uma gestão compartilhada da comunidade para este patrimônio.

Oficina “Construindo uma proposta para o Forte de Gurupá”

Maio de 2017, Escola Mariocay.

As atividades iniciaram com uma visita às obras de restauro das estruturas do Forte Santo Antônio de Gurupá, em andamento na ocasião, com o propósito de aproveitar as obras do IPHAN para pensar, junto com a comunidade, quais usos se poderiam dar ao Forte de Gurupá. Entendendo que a preservação ou salvaguarda efetiva deste monumento se dará com um bom uso, integrando o patrimônio na vida efetiva da comunidade, surge a ideia de se criar, no Forte de Gurupá, um Espaço Cultural, *lócus* de atividades como rodas de capoeira, danças, apresentações de cinema, etc. É daí que surge a proposta da exposição “Gurupá na Encruzilhada da História, que veremos adiante.

-Oficina de Produção de Vídeo-Filmagem

Julho de 2017 e de 2018, STTR.

Durante os sítios-escola de arqueologia promovidos em junho-julho de 2017 e de 2018, foi organizada uma oficina de vídeo¹⁵ na sede do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais e Agroextrativistas em Gurupá, com participação de professores do grupo OCA e moradores de Gurupá. Os participantes foram capacitados em técnicas de filmagem e edição, e receberam algumas câmeras para tomada de imagens. As câmeras permanecem com eles, e foram usadas para registro de várias outras atividades do projeto, como a montagem da exposição “Gurupá na Encruzilhada da História”. Os professores do OCA acompanharam o processo e produziram, de forma totalmente autônoma, um documentário sobre o Forte de Gurupá.

Seminário científico “Gurupá na Encruzilhada da História”

Abril de 2018, Maloca e Forte Santo Antônio de Gurupá

¹⁵ As oficinas de vídeo foram ministradas pelo Dr. Richard Pace, Paul Chilsen, Christine Wells e estudantes da Middle Tennessee State University (MTSU).

Com a eventualidade da abertura da 1ª exposição do Forte Santo Antônio de Gurupá foi proposto um seminário científico, onde foram apresentados os trabalhos desenvolvidos pelos professores de Gurupá formados no âmbito do PAFOR/UFPA.

O seminário ocorreu pela parte da tarde do dia 20 de abril de 2018, mesmo dia da inauguração da exposição, com as apresentações dos professores, pesquisadores residentes em Gurupá. A proposta foi de valorizar essas pesquisas realizadas pelos moradores, divulgando esses trabalhos junto aos participantes do evento, que em muitos casos desconheciam as pesquisas feitas por seus conterrâneos. Para além das amostras das monografias dos educadores de Gurupá, houve também apresentações culturais, com capoeira, artes cênicas e o grupo foliões de São Benedito que animam a festa do santo. O encerramento do seminário ocorreu no Forte de Gurupá, em uma bonita mostra das culturas locais.

Assim foi proposto que as comunicações se organizassem por eixos temáticos vinculados aos painéis que compõem a exibição do Forte, quais sejam: Gurupá Indígena; Gurupá dos Fortes e Missões; Gurupá dos Quilombos; Gurupá da Borracha: Ribeirinhos e Comerciantes; Gurupá dos Devotos.

Oficina de Maquetes do Forte Santo Antônio de Gurupá

Abril de 2019, Casa Paroquial

A realização da Oficina de Maquetes do Forte Santo Antônio de Gurupá em conjunto com o grupo de professores locais teve como propósito não apenas o exercício de confeccionar os modelos, mas asseverar o valor desse patrimônio através do conhecimento mais detalhado de seus aspectos materiais em uma representação volumétrica, em terceira dimensão. Assim, em escala reduzida, foi possível compreender o seu conteúdo arquitetônico, constituído pelos elementos murários da cortina em alvenaria de pedra que circunda o forte em uma planta de forma estelar que foi construída no século XVIII e pelas obras de aterro do terrapleno, chalé, escadas de acesso, os canhões, além do obelisco com as placas comemorativas e que são remanescentes da reforma realizada na década de 1930.

Tendo como base o levantamento planialtimétrico e a documentação fotográfica do terreno e das construções, foram produzidos desenhos e consolidados em seguida através

de modelagem digital 3D no programa SKETCH-UP. Com esta ferramenta foi possível ilustrá-los com padrões de texturas quase realísticas e também extrair diferentes projeções ou vistas das construções, desmembrando-as em partes, como fachadas e plantas. Os desenhos gerados foram diagramados em cinco pranchas em dois formatos: A3 e A4, nas respectivas proporções ou escalas métricas de 1:85 e 1:120. A arte final foi impressa em cores, em alta resolução, sobre papel “couché” de gramatura de 300g/m².

Os exercícios práticos da oficina de maquetaria foram desenvolvidos de 25 a 27/03/2019, conjuntamente com o grupo de professores, os quais, com elogiosa dedicação e habilidades manuais tiveram excelente desempenho na apreensão das técnicas de confecção e conclusão dos modelos. Ao final foram concluídos três exemplares, em escala 1:85, que foram exibidos durante a reinauguração da exposição “Gurupá na Encruzilhada da História”, remontada no Forte em 29/03/2019.

SÍTIO-ESCOLA DE ARQUEOLOGIA

O sítio-escola é uma etapa de pesquisa de campo de arqueologia com fins educativos, desenvolvido em caráter de oficina. O objetivo do mesmo, além de coletar materiais e informações para compreender a formação dos sítios arqueológicos e a história do lugar, é apresentar aos participantes alguns pressupostos básicos do trabalho do arqueólogo em campo e em laboratório – uma vez que a oficina inclui todo o processo de curadoria do acervo coletado, da escavação ao armazenamento.

Com isso, a discussão sobre as diferentes possibilidades de construção do conhecimento arqueológico pode ser apropriada pelos participantes, sensibilizando-os quanto a conceitos ligados à percepção do patrimônio cultural.

O público-alvo do sítio-escola são professores, estudantes e interessados em arqueologia e na história de Gurupá, tanto em âmbito local, nacional e internacional. Os participantes se envolveram ativamente em todas as etapas do trabalho de campo arqueológico, incluindo mapeamento topográfico e de estruturas, escavações, curadoria dos materiais coletados, recepção dos alunos das escolas locais, etc. Todas as atividades foram

orientadas por arqueólogos e antropólogos experientes, membros e colaboradores do projeto OCA.

Assim, sob a rubrica do sítio-escola de arqueologia, os professores e estudantes brasileiros e internacionais colaboraram nas escavações e trabalhos arqueológicos conduzidos na área do forte em julho de 2017 e de 2018.

Previamente a todas as etapas de campo e durante os períodos prolongados de estada da equipe em Gurupá foram realizadas apresentações às comunidades locais em diferentes âmbitos, além da ampla divulgação pela rádio local. Esta divulgação teve como intuito convidar os moradores de Gurupá a conhecerem de perto os trabalhos de escavação arqueológica, tendo a oportunidade de dialogar diretamente com os pesquisadores e estudantes e, por vezes, a participar das atividades nos sítios arqueológicos.

Em ambas as versões, os sítios-escola contaram com mais de 30 participantes de fora, e também muitos professores e estudantes de Gurupá. As ações foram celebradas em Gurupá com eventos, quando todos os membros do projeto – estrangeiros ou não – puderam se apresentar e falar sobre suas pesquisas e conhecer aspectos da cultura local com apresentações culturais variadas. É interessante notar que as apresentações culturais foram propostas pelos gurupaenses, não só como uma maneira de mostrar um pouco da cultura local aos participantes não locais do projeto, mas como um modo tradicional local de se organizar os eventos públicos. Estes são momentos de interação intercultural muito agradáveis, contando com pelo menos uma centena de pessoas, além de autoridades locais. O evento foi significativo onde apresentaram-se moradores e visitantes em diferentes formas de expressão acadêmicas e artísticas, que todos os participantes puderam vivenciar.

Durante todo o funcionamento dos sítios-escola, crianças e jovens visitantes tiveram igualmente a oportunidade de efetivamente escavar, peneirar, coletar e registrar seus achados junto com os arqueólogos e estudantes nas escavações. Assim todos puderam manusear os instrumentos e aprender sobre seu funcionamento e importância. Do mesmo modo em que os participantes realizaram as escavações e coletas dos materiais, eles participaram de todo o processo de curadoria dos vestígios arqueológicos, envolvendo a sua limpeza, quantificação, documentação e classificação. Esta etapa é muito importante, pois mostra como os vestígios podem nos informar sobre a história do lugar.

Experiências como esta, ainda que breves, podem marcar a vida de jovens e crianças, que devem se sensibilizar quanto ao potencial deste patrimônio, e eventualmente se interessarem por seu estudo e preservação para as futuras gerações. Outro aspecto diz respeito ao treinamento de jovens pesquisadores – possivelmente futuros arqueólogos. Por meio dos sítios-escola anuais do projeto, cursos e estágios, muitos jovens têm sido capacitados em arqueologia e nas suas relações com as comunidades amazônicas.





FIGURA 5. Equipe OCA (uniformizados) local e internacional, durante eventos relacionados aos sítios-escola internacionais de arqueologia, em julho de 2017 e de 2018

Fotos: acervo projeto OCA.

DOCUMENTAÇÃO DO CEMITÉRIO JUDAICO

Com o propósito de contextualizar a presença judaica em Gurupá, foi feito um trabalho de limpeza e documentação junto ao Cemitério Judeu de Gurupá, localizado na periferia de Gurupá, como mais uma das atividades do sítio-escola de arqueologia.

Colaboraram na limpeza dos 29 túmulos identificados os participantes do sítio-escola e voluntários da comunidade, principalmente crianças e jovens alunos das escolas locais. Puderam participar das seguintes atividades: registro gráfico e fotográfico do sítio antes, durante e após a intervenção; análise das estruturas funerárias abrigadas no espaço intra-muros (técnicas construtivas, materiais empregados, distribuição espacial); coleta de dados

biográficos a partir das inscrições e dedicatórias em lápides com posterior tradução daquelas cujo texto está em hebraico, e por fim, a coleta de informações orais com os moradores do entorno do cemitério (CUNHA et al 2019).

Os moradores do entorno do cemitério relatam o progressivo abandono da área a partir da década de 1950 quando ocorreu o último enterramento. Benathar (2015) assinala que o abandono do cemitério enquanto espaço religioso ocorre em 1943 quando os Castiel, última família praticante da religião judaica, deixaram Gurupá.

O Cemitério Judaico de Gurupá permanece como evidência material da história dos judeus no interior da Amazônia. Mais do que isso, é um símbolo e um elemento do imaginário popular sobre uma época vista como dourada para a história local. Para além do mistério das suas lápides em língua estrangeira, ele é em si a materialização da presença de um povo estrangeiro, mesmo para aqueles que trazem o sobrenome escrito nos túmulos do local. Sua preservação é uma incógnita e depende muito da ação de alguns moradores do local e dos poucos familiares que ainda se identificam com seus ocupantes (CUNHA et al 2019).

DOCUMENTAÇÃO DE NARRATIVAS E HISTÓRIA ORAL

O projeto OCA tem como uma de suas metas compreender a relação das pessoas com os sítios, vestígios e paisagens arqueológicas a partir dos relatos, das histórias contadas. Dessa forma, temos coletado relatos orais e narrativas de moradores e conhecedores da cidade e das comunidades, afim de registrar essas memórias e entender como a comunidade interage com o patrimônio arqueológico.

As narrativas e relatos orais não somente apoiam as interpretações sobre os vestígios, mas também ativam memórias e processos identitários. Temáticas principais tratam da espacialidade e relação com o ambiente, a produção de alimentos e a extração de produtos naturais para consumo ou venda, a organização de comércios, escolas, igrejas ou outras instituições sociais ou econômicas, a relação entre as comunidades ou povoados das redondezas, inclusive a cidade de Gurupá, e, sobretudo, detalhes sobre o cotidiano. Esta ação se encontra em andamento desde 2014, e parte das entrevistas já transcritas

estão sendo analisadas (da SILVA, 2017) e farão parte do material trabalhado em duas dissertações de mestrado. O banco audiovisual que vem se acumulando dispõe de um material riquíssimo ainda a ser melhor explorado.

Os moradores da região de Gurupá se apresentam interessados em contribuir com essas pesquisas. Por uma arqueologia pública, engajada e ativista o projeto OCA tem procurado integrar a comunidade aos trabalhos arqueológicos nas mais diferentes maneiras, valorizando a visão da comunidade sobre os sítios, a cultura material e as paisagens de Gurupá.

ORGANIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO DE ACERVO DOCUMENTAL HISTORIOGRÁFICO

Em diferentes momentos providenciamos a doação de kits contendo dezenas de livros (na maioria publicados pelo Museu Goeldi) à biblioteca municipal, à ARQMG e ao STTR. Mas, durante as oficinas realizadas com os professores, foi observada uma clara demanda pelo acesso a fontes documentais historiográficas sobre Gurupá (iconografias, documentos). Muitos desses professores relataram essa dificuldade na produção de suas monografias - Trabalhos de Conclusão de Curso – TCC's das licenciaturas oferecidas em Gurupá pela Universidade Federal do Pará (PARFOR-UFPA), pelo fato dos documentos historiográficos não estarem acessíveis para o desenvolvimento de suas pesquisas, o que acabava impedindo que a história de Gurupá fosse trabalhada pelos próprios gurupaenses.

Por intermédio de uma bolsa de iniciação científica PIBIC/CNPq do Museu Paraense Emílio Goeldi, foi feito um extenso levantamento de fontes documentais, cuja organização se deu por período (século), autor, nome da obra, tipo de documento (iconográfico ou escrito), além de um breve resumo do documento (BOTELHO, 2017). Essas fontes contam um pouco da história ainda conhecida por poucos em Gurupá, e contribuem para uma melhor interpretação da história colonial e pós-colonial da região. Essa soma de documentos é proveniente de diversos arquivos digitais, entre eles estão o projeto Resgate do Arquivo Público do Pará, o Arquivo Histórico Ultramarino, o Arquivo Histórico do Exército, Biblioteca Nacional e diversos outros documentos impressos encontrados em obras como Compêndio

da Eras, Ensaio Corográfico e Contribuição à História das Paróquias da Amazônia, entre outros.

Foram disponibilizados para a comunidade 230 documentos, separados em caixas de arquivo por século e categorias, compondo um banco de dados, com cópias físicas (em papel) e digitais de cada fonte levantada. Esses materiais se encontram hoje na Biblioteca Municipal de Gurupá. Temos acompanhado os registros de acesso, que mostram que os materiais têm sido consultados regularmente na biblioteca.

Importa dizer que ao oferecer recursos e fontes de pesquisa (e não apenas os resultados da nossa pesquisa), esperamos reforçar a própria compreensão do processo de produção de conhecimento de forma mais simétrica. Queremos promover o protagonismo dos professores e pesquisadores de Gurupá na realização de pesquisas e na gestão de seu patrimônio histórico.

CURADORIA COMPARTILHADA DE EXPOSIÇÃO NO FORTE SANTO ANTÔNIO DE GURUPÁ

A exposição foi produzida a muitas mãos numa experiência colaborativa. O objetivo foi dar visibilidade e tornar conhecidos os diferentes aspectos da cultura e da história de Gurupá, além da socialização das histórias, narrativas e das pesquisas arqueológicas realizadas no local (LIMA et al., 2018).

O público alvo são os visitantes desse espaço: alunos das escolas locais, moradores das comunidades do interior, turistas em passagem pelo município. A exposição também foi pensada para ter fins educativos, junto às escolas de Gurupá. Com o uso dos espaços internos e externos do forte, esperamos também enfatizar que o forte de Gurupá não se resume à “casinha” (a única construção visível, remanescente da caserna construída no topo do aterro durante uma reforma na década de 30 do século passado), ocupando uma área bem maior, que engloba inclusive o prédio da atual delegacia (construída também dentro do espaço do forte na década de 1970).

O eixo curatorial da exposição “Gurupá na Encruzilhada da História”, enfatizou a sua longa história, como um nexo importante de redes de comércio e, sobretudo, como um lugar de encontros de povos e culturas diversas. Durante nossos trabalhos, um morador local encontrou um canhão em seu quintal e sugeriu que o incluíssemos no plano de exposição. Este canhão, por demanda da comunidade, será mantido em Gurupá (FIGURA 6). Vale a pena notar que canhões como o encontrado no quintal deste morador foram sistematicamente saqueados deste sítio arqueológico no passado, saques estes que povoam até hoje o imaginário dos habitantes.

A exposição inicial foi fruto de uma curadoria compartilhada com a comunidade de Gurupá, pesquisadores de Goeldi e o IPHAN, onde a coleção reunida nas escavações e doações, juntamente com as informações geradas pelas pesquisas, foram expostas no Forte Santo Antônio de Gurupá. A exposição foi inaugurada em abril de 2018, com grande evento e participação massiva da comunidade.



FIGURA 7. Professores de Gurupá e familiares analisam as peças a serem expostas. Eles trouxeram muitos objetos familiares antigos, incluídos na mostra

Fonte: acervo OCA, 2018.



FIGURA 8. Professores, graduandos e comunidade no Forte de Gurupá, antes de sua revitalização. Notar as paredes pichadas
Fotos: Vera Portal, 2016.



FIGURA 9. A exposição “Gurupá na Encruzilhada da História”, depois de montada, em abril/2018
Fonte: acervo OCA, 2018.

CURADORIA COMPARTILHADA DE NOVA EXPOSIÇÃO NO FORTE SANTO ANTÔNIO DE GURUPÁ

Por sugestão do grupo de colaboradores do OCA em Gurupá, que hoje compõem um coletivo local pela salvaguarda do patrimônio cultural chamado “Nós, os Guardiões”, a mostra foi renovada na nossa última visita ao município, em abril de 2019. Isto ocorreu devido às muitas doações ou disponibilizações de objetos durante o período. Desta forma, as peças arqueológicas que haviam sido coletadas durante as escavações no Forte de Gurupá foram substituídas por esses objetos, que incluem achados dos quintais de moradores (moedas, garrafas de grés, louças, cerâmicas indígenas), recolhidos como forma de colecionamento (BEZERRA, 2018), e que viram na exposição uma maneira de socializar suas coleções. Também foram trazidos e expostos muitos objetos religiosos, que fazem parte da vida cultural de Gurupá. Assim, os moradores de Gurupá não só se apropriaram da exposição, mas deram-lhe um caráter dinâmico, adicionando e trocando os objetos expostos. Não podemos ver maneira mais original de fruição do patrimônio arqueológico histórico, como essa, de iniciativa totalmente local (BEZERRA, 2011).

PROPOSTA DE PAISAGISMO PARA ÁREA EXTERNA DO FORTE SANTO ANTÔNIO DE GURUPÁ

Em caráter de sugestão, encaminhamos aos gestores locais possíveis medidas a serem tomadas em complementação ao processo de revitalização do Forte Santo Antônio de Gurupá.

O grande desafio refere-se ao isolamento físico da área do Forte da delegacia, então localizada dentro da área compreendida pelo forte, embora não tenhamos informação concreta sobre isso. A exposição da muralha, com escavação de fosso na atual área externa do forte tem o propósito de demarcar o território, conforme demonstrado às autoridades locais, e também acentuado durante as visitas à área, quando as pessoas se mostram surpreendidas por saberem que o terreno do forte vai muito além do que anteriormente se imaginava. A proposta foi produzida com base no levantamento técnico realizado *in loco* pelo Dr. Fernando Marques, trabalhadas no programa *Sketch-up*, propondo

assim um circuito de circulação na área externa do forte. Foram apresentadas em caráter de sugestão, sendo, portanto, importante abrir discussão com os gestores, pesquisadores, educadores, etc. de Gurupá. Até o momento (2020) não foi implementado, embora a delegacia já tenha sido transferida para outra localidade, permitindo um melhor uso do espaço como um todo.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O patrimônio é cuidado quando é vivido, quando faz parte da vida das pessoas, em relações que entrelaçam memória e história, cuidado e afeto (COSTA, 2018). Assim, devemos ir além da ideia de ‘preservar’ ou mesmo de ‘divulgar’ o patrimônio cultural. Essas ações são importantes, mas pensamos que se deve possibilitar às pessoas ‘vivenciarem plenamente’ seu patrimônio cultural. Isto sem dúvida por meio de políticas públicas, mas também por pequenas ações de estímulo e respeito às tradições diferentes culturas brasileiras. Entendemos que as múltiplas formas de conceitualização de patrimônios e, por conseguinte, dos elementos de um determinado coletivo que podem, ou não, serem eleitos enquanto patrimônios, nem sempre são uníssonas ou inequívocas (LIMA 2019). Estão sujeitas a processos muitas vezes conflituosos e contraditórios de produção e reprodução das relações sociais (ATHIAS, 2019).

Ainda assim, estamos seguros de que o projeto tem dado uma nova dimensão à arqueologia de Gurupá, pouco conhecida e não divulgada anteriormente. O tema ‘patrimônio arqueológico’ (em diferentes semânticas possíveis) entrou em discussão de maneira latente dentro das comunidades e na cidade de Gurupá. Ao ver o Forte de Santo Antônio, uma construção colonial de quase 400 anos, antes abandonada e vandalizada, ser hoje frequentada por vários grupos de diferentes idades mostra que a relação daquelas pessoas com o patrimônio cultural e histórico de Gurupá mudou para melhor. Esta é uma situação particular que merece ser valorizada, e analisada frente a outras experiências, já que difere daquelas que muitas vezes acabam envolvendo conflitos e disputas (BEZERRA, 2011; LIMA et al. 2017).

Nota-se um crescente senso de pertencimento das pessoas em relação à história local, à cultura material e às paisagens em Gurupá. Estes foram temas de inúmeras

discussões em ocasiões formais (reuniões, palestras, oficinas) e informais com professores, lideranças e moradores das localidades. Aos poucos vemos diferentes tipos de produção sobre o patrimônio cultural de Gurupá sendo feitas pelos moradores, vídeos, músicas, poesia, etc., assim como a pesquisa nas fontes documentais de agora dispõem, além de um cuidado maior com os objetos antigos que surgem em contextos variados, como os que foram doados para integrar o acervo da exposição.

O patrimônio arqueológico de Gurupá passa a fazer parte da vida da população mais ativamente. Essas ações aqui apresentadas envolveram a comunidade diretamente no processo da pesquisa, estabelecendo uma parceria consistente entre pesquisadores e moradores, que vai muito além da arqueologia. O projeto se encontra em andamento e pretende se desenvolver enquanto um programa continuado. Para além das parcerias com instituições, sem dúvida importantes, esse projeto é construído por pessoas, por relações interpessoais. Um dos atributos marcantes do OCA tem sido a capacidade de agregar e envolver indivíduos de diferentes instituições em torno de uma mesma ideia. Juntos aprendemos que se pode atingir grandes objetivos com soluções criativas e de baixo custo. Necessita do comprometimento e engajamento de pessoas e instituições, com o intuito de promover o desenvolvimento de ações “dirigidas pela comunidade e para o interesse desta” (de GODOY e SILVA, 2017). Assim acreditamos que a proposta é de uma real arqueologia colaborativa, feita com as gentes, e “pelas gentes” (ROCHA et. al., 2017).

REFLEXÕES E ENCAMINHAMENTOS

Ao longo do desenvolvimento do projeto OCA assistimos uma enorme mudança na postura dos gurupaenses. O projeto deixou de ser o “projeto do Museu Goeldi”, para se tornar “nosso projeto”. Por trás desta mudança está também um enorme aprendizado por parte dos pesquisadores do Museu Goeldi e seus colaboradores na forma de se envolver com as comunidades gurupaenses, na presença e contato constante com elas, nas relações interpessoais que foram se estabelecendo, nas negociações necessárias junto às instituições envolvidas e, sobretudo, na forma de se praticar arqueologia, que muitas vezes têm pouco a ver com nossas tradicionais “etapas de campo”.

É preciso reconhecer que, em Gurupá a diversidade das origens, heranças, memórias e tradições proporciona uma enorme criatividade cultural, um potencial que a arqueologia pode canalizar para promover não só reconhecimento e autodeterminação destas heranças, mas também a inclusão social de grupos minoritários, o respeito à diferença e a valorização da pluralidade.

Se em poucos anos do projeto OCA podemos ver mudanças significativas na maneira como os habitantes de Gurupá percebem o lugar onde vivem e seu papel na longa história da região, temos confiança de que as ações continuadas do projeto OCA estão contribuindo para que gerações futuras tomem em mãos a salvaguarda, a preservação e a gestão de seu rico patrimônio cultural.

E, podemos assegurar que o futuro do Projeto OCA já está acontecendo, nas mãos dos moradores de Gurupá, com a criação do projeto “Nós, os Guardiões”, no qual o protagonismo agora é mais deles do que do Museu Goeldi.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATHIAS, Renato. Entre máscaras, maracás, imagens e objetos xamânicos em museus. In: PORTO, Nuno, LIMA FILHO, Manuel. **Coleções étnicas e museologia compartilhada**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2019.

BENATHAR, C.L.L. 2015. História e Memória de Judeus em Gurupá: um Estudo de Caso a partir dos Aben-Athar (1890-1900). Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Graduação em Licenciatura Plena em História. Monografia. 84 páginas.

BEZERRA, Marcia. Com os cacós no bolso: o colecionamento de artefatos arqueológicos na Amazônia brasileira. In: **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. n°38. 2018. Pp. 85-99

BEZERRA, Marcia. As moedas dos índios: um estudo de caso sobre os significados do patrimônio arqueológico para os moradores da Vila de Joanes, ilha de Marajó, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 6, n. 1, p. 57- 70, 2011.

BOTELHO, G. A. (2017) **Documentação e Cultura Material: As relações de contato europeu e indígena no Forte Santo Antônio de Gurupá (1616-1623)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade da Amazônia – UNAMA, Belém.

BROWNE RIBEIRO, A. T., LIMA, H. P., Marques, F. L., SCHMIDT, M. J., & MCDANIEL, K. S. Results from Pilot Archaeological Fieldwork at the Carrazedo Site, Lower Xingu River, Amazonia. **Latin American Antiquity**, 27(3), 318-339.2016.

CABRAL, Mariana Petry. Entre Passado e Presente: Arqueologia e Coletivos Humanos na Amazônia. **Teoria e Sociedade**, 24(2), p.76-91, 2016.

CUNHA, Cláudia, MARQUES, F., FONSECA, D., BENATHAR, C., FARAGE, E., LIMA, H., & BENCHIMOL, A. Matzevot kevrurah esquecidas—resgate etnoarqueológico do Cemitério Judaico de Gurupá, Pará, Brasil. **Antropologia Portuguesa**, n. 36, p. 141-163, 2019.

DE GODOY, Renata; DOS SANTOS, Emilly Cristine Barbosa. Restituição de acervos arqueológicos: novas soluções ou antigos problemas? **Revista Arqueologia Pública**, v. 11, n. 2 [19], p. 98-113, 2017.

COSTA, Eliane Miranda. **Memórias em Escavações: Narrativas de Moradores do rio Mapuá sobre os Modos de Vida, Cultura Material e a Preservação do Patrimônio Arqueológico (Marajó, PA, Brasil)**. Doutorado em antropologia. Universidade Federal do Pará, UFPA, Brasil. 2018.

DA SILVA, P. H. S. (2017) **Apontamentos sobre a presença holandesa na Amazônia (1600 a 1623)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade da Amazônia – UNAMA, Belém.

FERNANDES, Glenda Consuelo Bittencourt; LIMA, Helena Pinto; RIBEIRO, Ana Browne. Cerâmicas Koriabo e Problematizações Iniciais Sobre a Arqueologia na Foz do Rio Xingu. **Revista Habitus-Revista do Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia**, v. 16, n. 2, p. 403-424, 2019.

GALVÃO, Eduardo. Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Amazonas. **Brasiliana**, 1955.

LIMA, Helena Pinto. Patrimônio Para Quem? Por Uma Arqueologia Sensível. **Habitus**, v. 17, p. 25-37, 2019.

LIMA, Helena Pinto e MORAES, Bruno. Arqueologia de Mutirão: ações com comunidades quilombolas de Gurupá/PA. Comunicação oral no XX **Congresso da SAB**. UCPel, Pelotas /RS, 2019.

LIMA, Helena Pinto; MARQUES, Fernando Luís Tavares; MESQUITA, Fernando. **Forte Santo Antonio de Gurupá**. Belém: Ed. Marques, 2018.

LIMA, Helena Pinto; ANDRADE, Ellen Barbosa; DA SILVA, Carlos Augusto. Gestão do patrimônio arqueológico na Amazônia: desafios da curadoria compartilhada na REDES do Tupé, Manaus, Amazonas. **Revista Arqueologia Pública**, v. 11, n. 2 (19), p. 114-137, 2017.

LIMA, H. P.; FERNANDES, G. C. B. Cerâmicas arqueológicas da foz do Xingu: uma primeira caracterização. In: Cristiana Barreto, Helena Pinto Lima, Carla Jaimes Betancourt. (Org.). **Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. 1ed. Belém: IPHAN /Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016, v. 1, p. 210-223.

LIMA, H.P., et al. OCA – Origens, Cultura e Ambiente. Relatório de Atividades 2014-2016. Relatório não publicado, protocolado no IPHAN-PA. Belém, 2016.

LIMA, H. P.; MORAES, B. M. Arqueologia e Comunidades Tradicionais na Amazônia. **Ciência e Cultura**, v. 2, p. 39-42, 2013. LITTLE, Barbara. Epilogue: changing the world with archaeology. **Archaeologists as Activists: Can Archaeology Change the World**, University of Alabama Press, Tuscaloosa, p. 154-158, 2010.

PACE, Richard. **The struggle for Amazon town: Gurupa revisited**. Lynne Rienner Publishers, 1998.

PACHECO, Agenor Sarraf. A conquista do ocidente marajoara: índios, portugueses e religiosos em reinvenções históricas. **Muito além dos campos: arqueologia e história na Amazônia Marajoara**. Belém: GKNoronha, p. 11-30, 2010.

PEROTA, Celso. Adaptação agrícola no baixo Xingu. **Prehistória Sudamericana; Nuevas Perspectivas**. Santiago: Taraxacum, p. 221-218, 1992.

ROCHA, Bruna Cigaran; Belleti, J.; Py-Daniel A.R.; Morais, C.; Honorato, V. Na margem e à margem: Arqueologia amazônica em territórios tradicionalmente ocupados. **Amazônica Revista de Antropologia**, 6(2), p. 358-384, 2014.

ROCHA, Bruna Cigaran, Jácome, C., Stuchi, F. F., Mongeló, G. Z., & Valle, R. Arqueologia pelas gentes. **Revista de Arqueologia**, 26(1), 130-140, 2017.

RODRIGUES, L. N. (2017) **Cerâmicas Arqueológicas do Baixo Xingu. O caso do Sítio Jacupi em Gurupá – PA**. Trabalhos de Conclusão de Curso (Licenciatura e Bacharelado em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia). Universidade Federal do Pará, Belém.

SCHAAN, Denise Pahl; MARTINS, Cristiane Pires. **Muito além dos campos: arqueologia e história na Amazônia marajoara**. Gknoronha, 2010.

SHEPARD, Glenn. **Relatório emergencial sobre ameaças ao patrimônio histórico e arqueológico na região de Gurupá, PA**. Documento protocolado no IPHAN/PA, Belém, 2012.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. 13aed. São Paulo: Cortez, 2004.

WAGLEY, Charles. **Uma comunidade amazônica: estudo do homem nos trópicos**. Brasíliana, 1957.

AGRADECIMENTOS

Os objetivos do projeto estão sendo perseguidos por meio de pesquisas integradas a partir de uma equipe interdisciplinar composta por pesquisadores vinculados ao Museu Goeldi e instituições parceiras, nacionais e internacionais, a saber: Universidade Federal do Pará, Universidade Federal do Amazonas, Universidade de São Paulo, Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Universidade da Flórida, Middle Tennessee State University, Universidade Nacional de Seul, bem como do nosso ativo e engajado grupo de professores de Gurupá, do

projeto “Nós, os Guardiões”, dos quais alguns são vinculados à Secretaria Municipal de Educação, e o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Gurupá (STTR), sem os quais nossa atuação no município não teria o mesmo impacto. Além das parcerias com universidades brasileiras e estrangeiras, o projeto tem buscado diferentes fontes de financiamento. Em 2014 teve apoio financeiro da National Geographic Society para os trabalhos de campo iniciais (bolsa #9436-14 concedida à Anna Browne Ribeiro); os sítio-escola nos anos seguintes foram apoiados pela Middle Tennessee State University, e entre 2015 e 2018 contamos com financiamento da Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas (FAPESPA) (bolsa #3007/2014, concedida à Helena Pinto Lima). Análises e trabalhos de laboratório têm sido realizados por meio de bolsas de Iniciação Científica e do Programa de Capacitação Institucional do Museu Goeldi (PIBIC e PCI/CNPq).

Recebido em: 15/05/2019

Publicado em: 30/06/2020